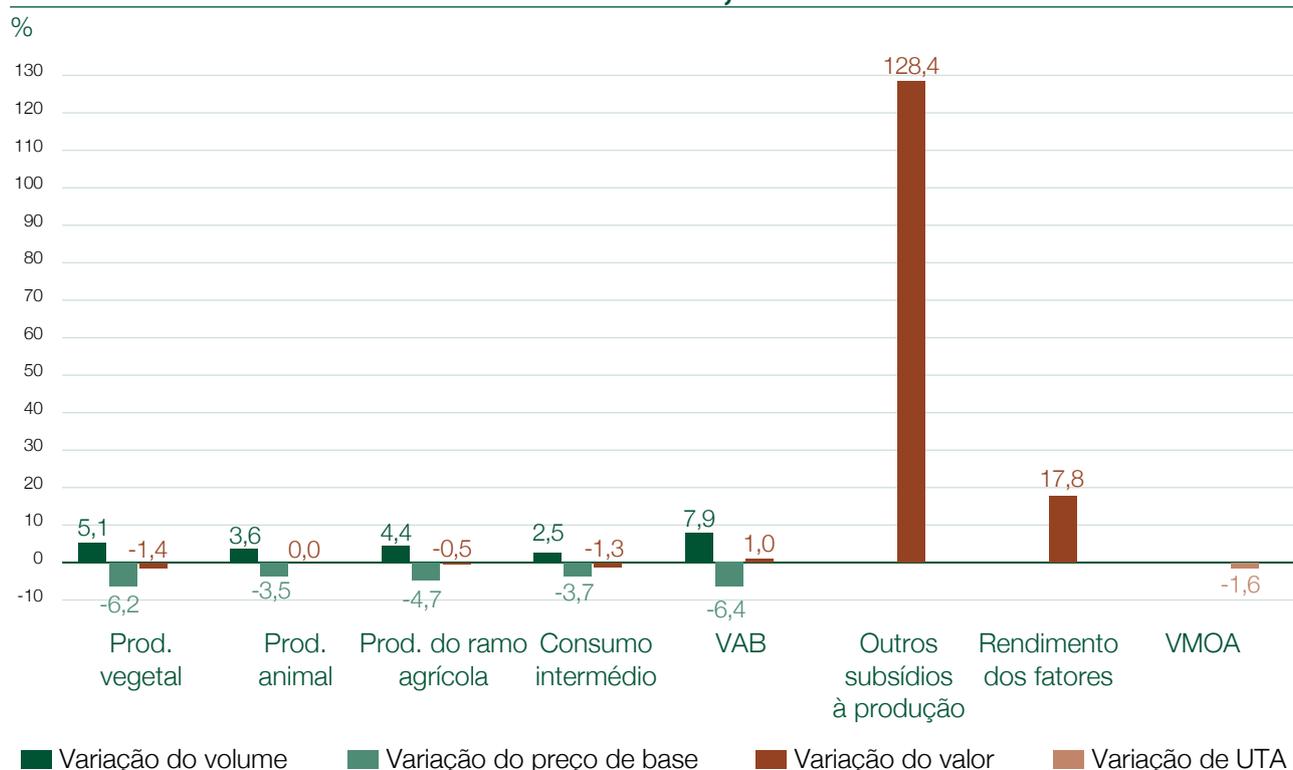


2.5. Setor agrícola

De acordo com os dados divulgados pelo INE (Contas Económicas da Agricultura 2024), o Rendimento da atividade agrícola, em termos reais, por unidade de trabalho/ano, deverá aumentar 17,8%. Contudo, este crescimento assenta significativamente no enorme aumento dos Outros subsídios (128,4%), uma vez que o Valor Acrescentado Bruto (VAB) deverá subir apenas 1%.

Figura 12 **Varição da Produção, Consumo intermédio, VAB e Rendimento dos fatores, em 2024**



A ligeira redução nominal da Produção do ramo agrícola (-0,5%), conjugada com um decréscimo mais acentuado do Consumo intermédio (-1,3%), contribuiu para a variação positiva do VAB em valor (1,0%).

A redução nominal prevista para a Produção vegetal (-1,4%) resulta de um acréscimo em volume de 5,1% e de uma queda dos preços de base (-6,2%). Os Vegetais e produtos hortícolas, as Plantas forrageiras e o Azeite foram determinantes para esta variação negativa.

As estimativas apontam para um aumento significativo da produção de **Cereais** em volume (10,5%), impulsionado pela generalidade das culturas, à exceção do milho (-14,8%). As condições meteorológicas favoreceram as culturas cerealíferas de outono/inverno de sequeiro, após duas campanhas fortemente marcadas pela seca. Os preços de base terão aumentado 2,5%.

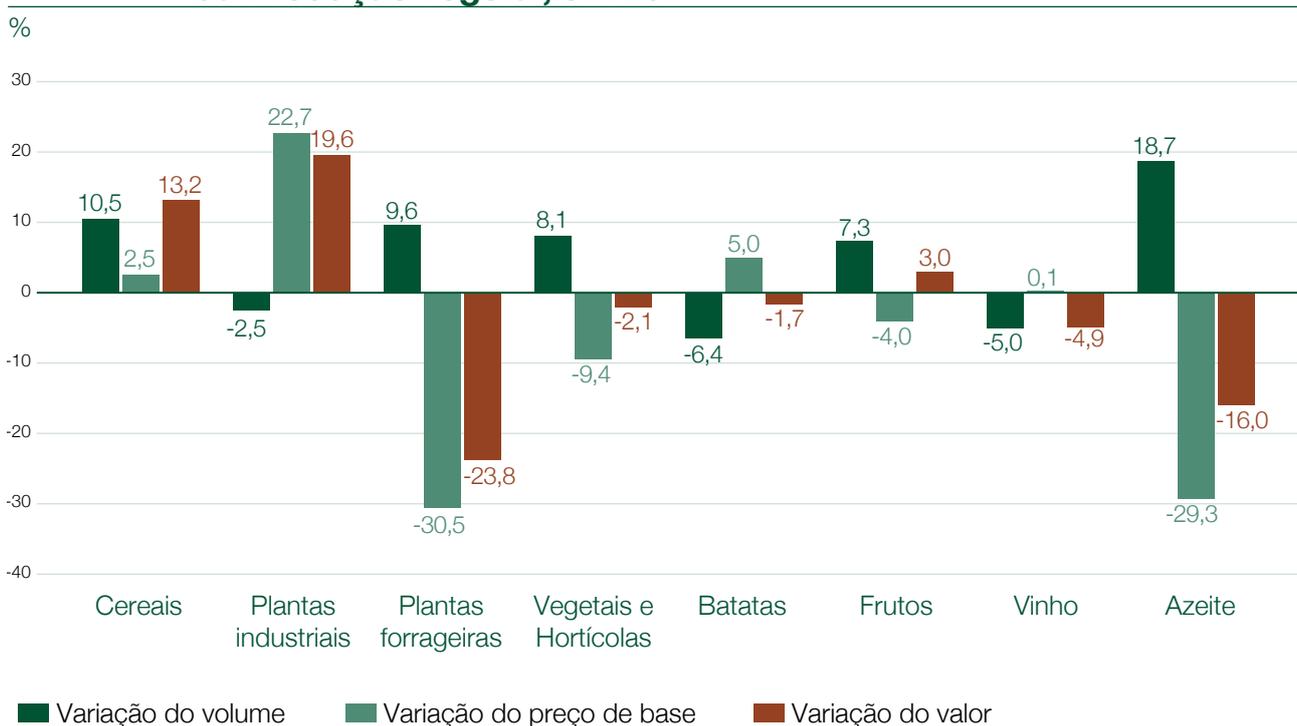
Nas **Plantas forrageiras**, estima-se um acréscimo em volume (9,6%), motivado pelas condições climáticas, que permitiram uma produção abundante de pastagem. Os preços diminuíram (-30,5%), após um aumento de 29,8% em 2023.

Para os **Vegetais e produtos hortícolas**, prevê-se um aumento em volume (8,1%), que reflete, sobretudo, a evolução dos hortícolas frescos. Destaca-se o tomate para indústria, cuja produção deverá aumentar 3,5% devido ao alargamento da área cultivada em 5,0%, ainda que a produtividade e a qualidade tenham diminuído. A redução do preço dos vegetais e produtos hortícolas (-9,4%) deve-se, fundamentalmente, à queda dos hortícolas frescos (-14,2%) que, em 2023, tinham registado um aumento expressivo (23,2%).

Nos **Frutos**, prevê-se um acréscimo da produção em volume (7,3%), com destaque para as azeitonas (27,1%). Perspetivam-se produtividades bastante superiores às registadas no ano anterior, devido, essencialmente, à entrada em produção de novos olivais no Alentejo. Os preços dos Frutos deverão diminuir 4,0%, com as azeitonas a registarem uma queda mais acentuada (-29,5%). Esta diminuição terá como principal causa a normalização da procura de azeitona para azeite, que foi muito elevada nos anos anteriores devido à escassez no mercado internacional.

Quanto ao **Vinho**, as vindimas decorreram com normalidade, estimando-se um decréscimo de produção face ao ano anterior (-5,0%).

Figura 13 **Variação do Volume, Preço e Valor dos principais produtos da Produção vegetal, em 2024**



A Produção animal deverá crescer em volume (3,6%) enquanto os preços de base deverão recuar (-3,5%), resultando numa estabilização do valor.

Para os **Bovinos**, as estimativas apontam para um acréscimo da produção em volume (5,3%) face a 2023, devido ao aumento do abate de bovinos adultos, especialmente de novilhos. Este aumento poderá estar relacionado com perturbações nas exportações de animais vivos para Israel, decorrentes de razões sanitárias e bélicas, levando a um maior abate destes animais em Portugal. O preço de base deverá ser semelhante ao de 2023.

Relativamente aos **Suínos**, estima-se um aumento da produção em volume (5,2%), em resultado de um aumento no abate de porcos de engorda. Os preços de base deverão ser inferiores aos registados em 2023 (-6,8%).

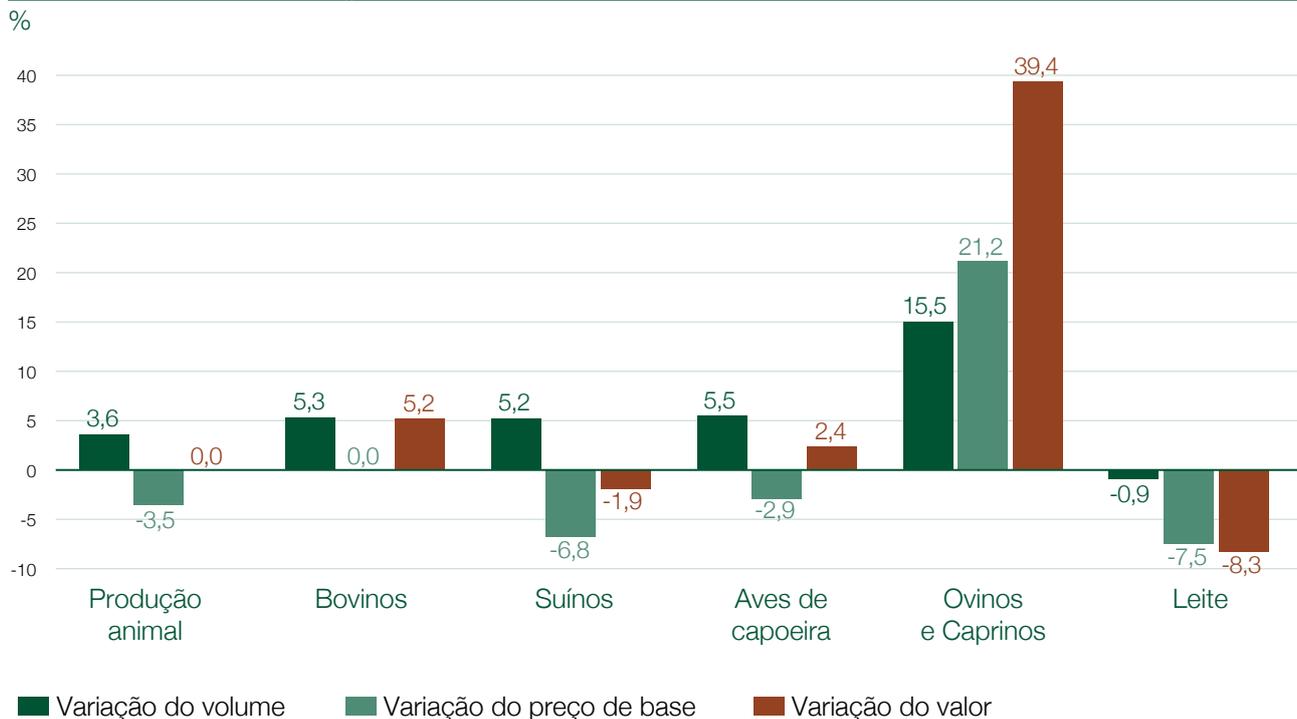
Quanto aos **Ovinos e caprinos**, perspectiva-se um acréscimo significativo da produção em volume (15,0%), devido aos abates em peso limpo face a 2023, em especial de borregos. Esta situação deve-se às mesmas perturbações das exportações que afetaram os bovinos. Os preços de base deverão ser bastante superiores aos do ano anterior (20,6%), refletindo o aumento dos montantes pagos como subsídios ao produto.

Para as **Aves de capoeira**, prevê-se também um aumento em volume (5,5%), sobretudo devido a uma maior produção de frango e de peru (este último particularmente afetado por problemas sanitários em 2023). Os preços registam uma diminuição (-2,9%).



Em relação à produção de **Leite**, estimam-se decréscimos tanto em volume (-0,9%) como, de forma mais expressiva, em preço (-7,5%), após a forte valorização registada em 2023 (17,0%).

Figura 14 **Variação do Volume e Preço de Base dos principais produtos da Produção animal, em 2024**



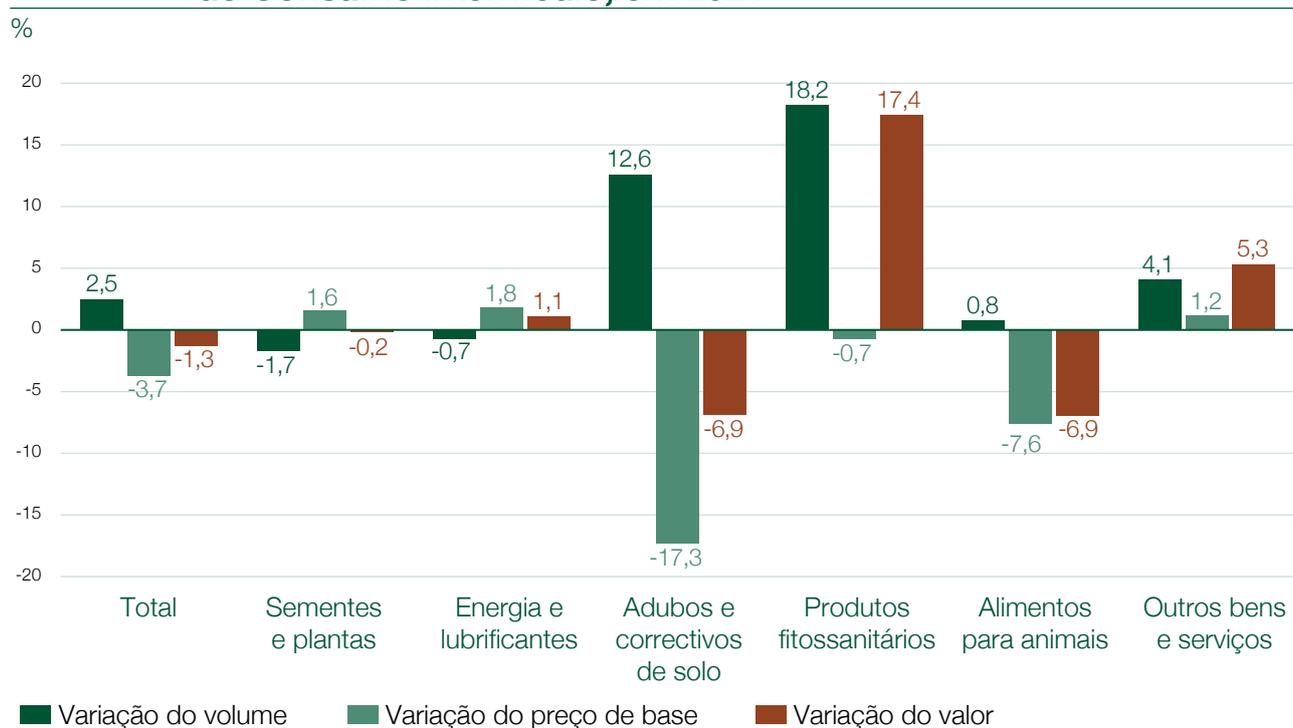
O **Consumo intermédio** deverá apresentar um decréscimo em valor (-1,3%) em 2024, apesar do aumento em volume (2,5%). Para esta evolução nominal são determinantes os decréscimos em valor dos alimentos para animais (-6,9%) e dos adubos e corretivos de solo (-6,9%).

Relativamente ao consumo de **Alimentos para animais** (simples e compostos), estima-se um ligeiro acréscimo do volume (0,8%). A produção abundante de pastagem durante o ano de 2024 possibilitou que, na maioria das explorações, a alimentação dos efetivos pecuários em regime extensivo fosse efetuada sem necessidade de suplementação antecipada. Além disso, a excelente produção forrageira aumentou consideravelmente a capacidade de autoaprovisionamento de fenos e silagens, reduzindo a necessidade de adquirir alimentos conservados e rações. O aumento da disponibilidade de alimento ajudou a equilibrar o setor agropecuário, principalmente o extensivo, com reflexo na descida dos preços (-7,6%).

Pelo segundo ano consecutivo, a variação nominal do consumo de **Adubos e corretivos do solo** é negativa (-6,9%), em consequência da conjugação de um acréscimo do volume (12,6%) e de um decréscimo do preço (-17,3%). Em 2023, o preço já tinha diminuído 26,8%, após o aumento de 29,5% em 2022.

A **Energia** registou um acréscimo nominal de 1,1%, resultante de variações de -0,7% em volume e +1,8% no preço. Em 2023, o preço da energia tinha subido 34,4%.

Figura 15 **Varição do Volume, Preço e Valor de algumas rubricas do Consumo intermédio, em 2024**

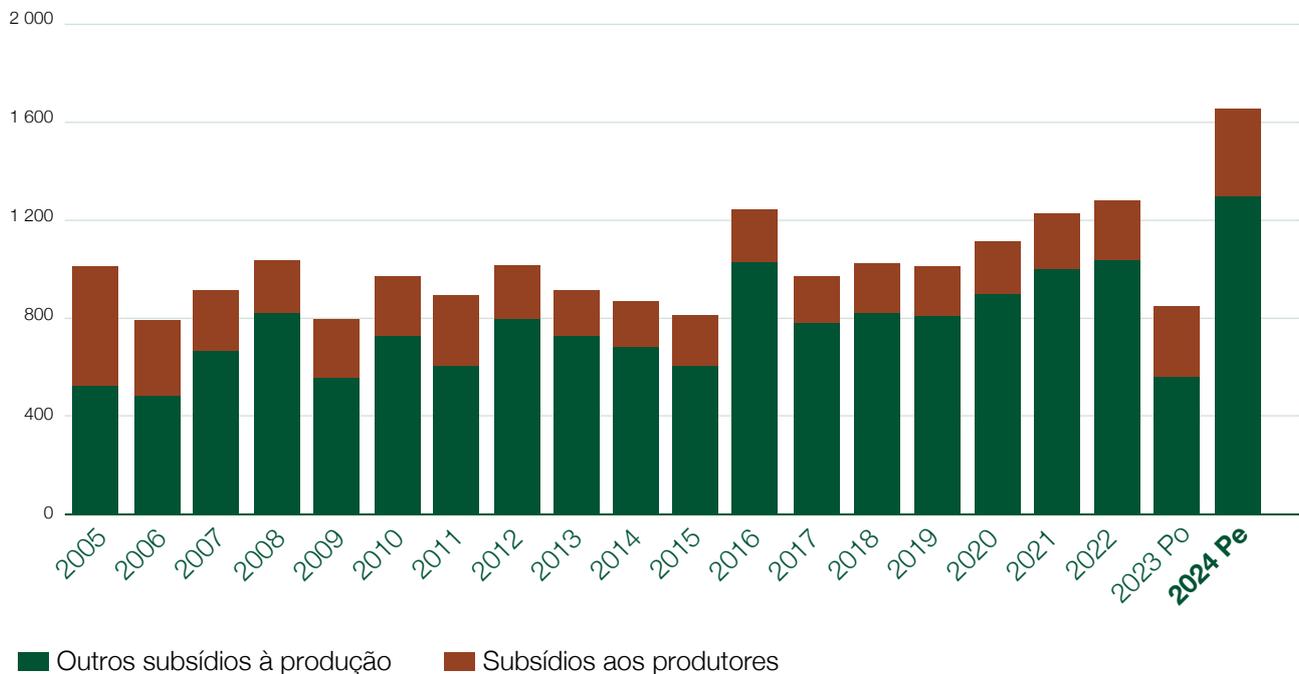


Comparando os índices de preços da produção e do consumo intermédio, conclui-se que a situação favorável à atividade agrícola em 2023 deixou de ser observada em 2024. As perspetivas apontam para um decréscimo nos preços da produção (-4,7%) mais pronunciado do que no consumo intermédio (-3,7%).

Assim, em 2024, o VAB do ramo agrícola deverá aumentar 1,0% em termos reais e 7,9% em termos nominais. A sua importância relativa na economia nacional deverá diminuir ligeiramente, passando de 1,9% para 1,8%.

Relativamente ao comportamento dos apoios diretos ao rendimento dos produtores agrícolas, decorrente das políticas em vigor em 2023 e 2024, destaca-se o significativo acréscimo total verificado (+98,5%). Este resultou, principalmente, do aumento verificado nos chamados **Outros subsídios à produção** (+128,4%), que foi superior ao observado para os chamados **subsídios aos produtos** (+30,8%).

Figura 16 **Evolução dos Outros subsídios à produção e Subsídios aos produtores**
(10⁶ euros)



O aumento dos apoios ainda é consequência da calamitosa campanha do Pedido Único 2023 que, conforme mencionado no ano transato, causou inúmeras dificuldades tanto às organizações de agricultores como aos próprios beneficiários. Estas dificuldades “empurraram” para 2024 um volume de ajudas muito significativo. A visualização da Figura 18 para os dois anos em causa evidencia claramente esta situação.

2.5.1. Setor vitivinícola

Mercado de vinhos tranquilos: Portugal (continente) Ano: 2024 vendas até dezembro

Distribuição + Restauração



				Peso nas vendas	
VOLUME (litros)	▲ 2,4%	DOP e IGP	▲ 5,2%	45,3%	
		Vinho [ex-Mesa]	▬ 0,1%	54,7%	
VALOR (euros)	▲ 16,5%	DOP e IGP	▲ 20,6%	67,9%	
		Vinho [ex-Mesa]	▲ 8,7%	32,1%	
PREÇO (€/litro)	▲ 13,8%	DOP e IGP	▲ 14,7%		
		Vinho [ex-Mesa]	▲ 8,6%		

De acordo com os dados divulgados pelo Instituto da Vinha e do Vinho (IVV), 2024 foi um bom ano de vendas no mercado nacional, com crescimentos em volume (mais moderados) e em valor, principalmente impulsionados pelo significativo aumento dos preços de venda. Estes aumentos foram particularmente expressivos no segmento dos Denominação de Origem Protegida (DOP) e Indicação Geográfica Protegida (IGP), conforme se pode ver na imagem da página anterior.

Ainda assim, os dois canais de venda tiveram comportamentos distintos. Ao desagregar os dados, verifica-se que a restauração teve um impacto decisivo para o bom desempenho do setor.

Distribuição



		Peso nas vendas		
VOLUME (litros)	▼ -4,4%	DOP e IGP	▼ -1,4%	47,8%
		Vinho [ex-Mesa]	▼ -7,0%	52,2%
VALOR (euros)	▼ -0,5%	DOP e IGP	▲ 1,7%	72,8%
		Vinho [ex-Mesa]	▼ -6,5%	27,2%
PREÇO (€/litro)	▲ 4,0%	DOP e IGP	▲ 3,2%	
		Vinho [ex-Mesa]	▬ 0,6%	

Restauração



		Peso nas vendas		
VOLUME (litros)	▲ 19,1%	DOP e IGP	▲ 27,8%	35,0%
		Vinho [ex-Mesa]	▲ 14,4%	65,0%
VALOR (euros)	▲ 33,1%	DOP e IGP	▲ 43,4%	58,7%
		Vinho [ex-Mesa]	▲ 18,4%	41,3%
PREÇO (€/litro)	▲ 11,7%	DOP e IGP	▲ 12,2%	
		Vinho [ex-Mesa]	▲ 3,5%	

Em termos absolutos, a restauração representou vendas no valor global de 776 392 212 euros, enquanto a distribuição não foi além de 563 600 881 euros, com valores por litro de 8,08 €/L e 2,94 €/L, respetivamente.

No mercado de exportação, verificou-se um aumento de 8,7% em volume, com um correspondente aumento do valor em 4,5% (para 965 829 000 euros). O preço médio de venda foi de 2,9 €/L, o que representa uma queda de 3,9%, comparando com os dados de 2023.

O saldo da balança comercial do setor é francamente positivo:

Evolução recente da balança comercial

Valores em milhares de euros

	2024	2023	2022	2021	2020	2019	2018	2017	2016	2015
Exportações ⁽¹⁾	965 829	924 632	938 963	925 953	856 190	819 402	800 342	778 041	723 974	735 534
TVH	▲ 4,5%	▼ -1,5%	▲ 1,4%	▲ 8,1%	▲ 4,5%	▲ 2,4%	2,9%	▲ 7,5%	▼ -1,6%	▲ 1,3%
Importações ⁽²⁾	157 416	197 582	205 344	167 737	166 255	169 208	154 727	137 206	110 191	116 755
TVH	▼ -20,3%	▼ -3,8%	▲ 22,4%	■ 0,9%	▼ -1,7%	▲ 9,4%	12,8%	▲ 24,5%	▼ -5,6%	▼ -6,7%
Saldo ^[(1)-(2)]	808 413	727 051	733 620	758 216	689 935	650 194	645 614	640 835	613 783	618 779
TVH	▲ 11,2%	▼ -0,9%	▼ -3,2%	▲ 9,9%	▲ 6,1%	■ 0,7%	0,7%	▲ 4,4%	▼ -0,8%	▲ 2,9%

Nota: TVH – Taxa de Variação Homóloga.

Fonte: IVV – Instituto da Vinha e do Vinho.

2.5.2. Pera Rocha

De acordo com a Associação Nacional de Produtores de Pera Rocha, a colheita de 2024 foi de 114 750 toneladas, o que representa um ligeiro aumento (5,7%) relativamente à colheita de 2023.

Devido às condições climáticas e fitossanitárias ao longo da campanha, principalmente na sua fase final, esperavam-se quebras significativas na fruta armazenada nas Centrais Fruteiras. Na prática, é expectável que o aumento registado (5,7%) não seja efetivo e que a quantidade de Pera Rocha comercializável seja igual ou inferior à da campanha de 2023.

Trata-se da segunda pior colheita da última década e do terceiro ano consecutivo em que a produção de Pera Rocha fica 50% abaixo da média das colheitas das últimas dez campanhas, refletindo um volume significativamente inferior ao potencial produtivo.

Os principais destinos de exportação da Pera Rocha são o mercado comunitário (50%), Marrocos (20%) e o Brasil (20%), que representam a grande maioria dos cerca de 85 milhões de euros em exportações.

Esta cultura, tão característica da nossa região, encontra-se ameaçada pela proliferação do fogo bacteriano. Esta doença tem gerado perdas económicas significativas a nível mundial para os produtores frutícolas, devido à diminuição da capacidade produtiva, à perda de qualidade dos frutos, à perda total ou parcial de árvores, aos elevados custos de prevenção e controlo, além da dificuldade de comercialização dos frutos em função do risco de disseminação da doença. O impacto direto na produção frutícola é uma manifestação flagrante da gravidade do fogo bacteriano que, só em Portugal, provocou perdas avassaladoras de cerca de 45 milhões de euros na Pera Rocha nas últimas quatro campanhas. As perdas económicas, o impacto ambiental e as limitações das medidas de controlo tradicionais sublinham a necessidade urgente de soluções inovadoras e sustentáveis.

Adicionalmente, o uso de pesticidas é cada vez mais restritivo, em consequência de políticas comunitárias, como o Pacto Ecológico Europeu (*Green Deal*), que visa uma redução significativa do uso destas substâncias na agricultura. Todos estes fatores dificultam o controlo da doença, colocando a produção nacional sob grande pressão devido às perdas de produção e, em casos mais graves, à perda total de árvores ou, até mesmo, de pomares inteiros.

Perante as limitadas opções de controlo, Portugal adotou estratégias nascidas da necessidade, como a poda de ramos afetados e medidas drásticas, nomeadamente o abate de árvores ou até mesmo o arranque de pomares – uma resposta desesperada à propagação implacável da doença. Esta abordagem sublinha a gravidade da situação, em que as estratégias de gestão da doença se centram frequentemente na prevenção, e não no tratamento. Embora estas estratégias resultem em perdas económicas significativas e coloquem em risco a sustentabilidade da produção, são atualmente o único meio eficaz de reduzir a ameaça iminente do fogo bacteriano.